

# Clube de Paris ainda não deu apoio ao Brasil

Funaro informa que por enquanto só existem negociações, favorecidas com sinal verde do FMI

O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, disse, ontem, que não existe ainda uma posição oficial favorável do Clube de Paris ao programa econômico brasileiro aprovado, anteontem, pelo Fundo Monetário Internacional.

“Estamos negociando — disse —, acho que a posição do FMI vai ajudar o Brasil. Uma posição favorável do Clube permitirá, paralelamente, a abertura dos créditos comerciais por parte do Eximbank ao Brasil, e isso é de fundamental importância para o Brasil”.

Nos próximos dias — dia 18, presumivelmente —, o Clube deverá pronunciar-se sobre o relatório aprovado pelo FMI favoravelmente ao comportamento da economia brasileira. Caso o Clube de Paris mantenha a posição do FMI estará, segundo Funaro, aberta a porta para o Governo renegociar prazos, juros e carência da dívida atual para com o Clube, de aproximadamente US\$ 9 bilhões.

do FMI, a partir da reunião de Seul, na Coreia, em outubro do ano passado, logo depois de assumir a chefia do Ministério da Fazenda, Funaro adotou a retórica de libertação frente à instituição e agiu de acordo com sua pregação. Desde então, as relações com o Clube de Paris ficaram emperradas, pois esta instituição, formada pelos credores oficiais do país, somente aceita renegociar ou refinar a dívida de qualquer país desde que haja prévio acordo com o Fundo Monetário Internacional.

A posição brasileira de resistência, desde o início deste ano, foi alardeada pelo Governo Sarney e justificada pela necessidade de o país livrar-se da tutela e da imposição de obedecer metas de crescimento prefixadas. Além disso, o Brasil dispunha, a seu favor, de reservas cambiais satisfatórias — aproximadamente US\$ 12 bilhões ao final de dezembro de 1985 —, as exportações começaram a crescer a partir do primeiro trimestre do ano, os preços do petróleo estavam em queda, bem como os juros tendiam no mesmo sentido, ou seja, todos fatores conjunturais plenamente favoráveis à estratégia brasileira de endurecer com os credores, tanto com os particulares quanto com o Clube de Paris.

O Plano Cruzado, porém, criou forte pressão de demanda no mercado interno. Paralelamente, o Governo teve que aumentar as importações tanto de máquinas quanto de alimentos, pois a seca destruiu parte substancial da safra 1985/86. A conjugação aumento do mercado interno e aumento das exportações passou a criar pressões sobre a balança comercial que, a partir do segundo semestre começou a dar sinais preocupantes. Os saldos comerciais começaram a diminuir com a queda das exportações e aumento das importações. O mercado, a partir de agosto/setembro começou a alimentar a expectativa de alteração na política dos preços, em crescimento de-



Funaro acredita que o País obterá êxito

vido à generalização do âgio, produto da falta de oferta à demanda aquecida.

A expectativa de aumentos de preços gerou outra expectativa, a da iminente mexida na política cambial, até então congelada. Resultado: a economia passou a conviver com a expectativa de uma forte desvalorização do câmbio — chegou-se a especular fortemente de que viria uma máxi. As exportações foram suspensas ao mesmo tempo em que as importações foram antecipadas. Deteriorou-se, conseqüentemente, a balança comercial e as reservas cambiais passaram a ser alvo de especulações no sentido de que estavam insuficientes. De um saldo de US\$ 1 bilhão em agosto passou a um saldo de US\$ 804 milhões em setembro, que caiu dramaticamente em outubro para US\$ 210 milhões e, para novembro, prevê-se — ainda não saiu o resultado — quantia semelhante ou até inferior à registrada no mês passado. Diante desse quadro, o Governo teve que adotar o Plano Cruzado II para conter o consumo interno e estimular as exportações.

## PRECIPITAÇÃO

A precipitação dos acontecimentos gerados pela deterioração da balança comercial que gerou uma séria crise cambial deixou

o cacife do Governo frente aos credores, paranegociar a dívida, reduzido. Paralelamente cresceram as especulações sobre a impossibilidade de o FMI recusar a dar o aval ao programa econômico do Governo. O relatório do FMI, elaborado por técnicos da instituição em agosto e setembro, era positivo, mas mantinha críticas veladas ao congelamento dos preços, à deterioração da balança comercial e à política cambial. As medidas econômicas de novembro contribuíram para mudar a posição do Fundo.

Anteontem, a diretoria do FMI aprovou o programa brasileiro e recomendou ao Clube de Paris que aceitasse negociar com o Governo brasileiro. Antes de estarem informados sobre a posição que o Clube de Paris deveria adotar frente à recomendação do FMI, técnicos da Fazenda comentavam que o aval do Fundo não significaria que o Clube daria respaldo imediato ao Brasil. Argumentavam que, sendo o Clube uma instituição desprovida de infra-estrutura burocrática, sem quadros técnicos, não poderia acompanhar a evolução da economia dos seus credores, razão pela qual está presa à apreciação do Fundo. Por isso, ortodoxamente, insistem na necessidade de negociar com os devedores desde que estes aceitem o aval do Fundo.